

A personagem Dona Benta em *As Aventuras de Hans Staden* de Monteiro Lobato: o papel do contador de histórias

Rodrigo de Santana Silva (UNEMAT)

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

- Conta-me uma história – pedia-lhe a moça.

- Tenho de pensar! – respondia-lhe.

Ora, acontecia que, por vezes, o tempo que levava em sua meditação era longo demais para ela, que se zangava. Mas ele balançava a cabeça e respondia impassível:

- Você deve ter um pouco mais de paciência. Uma boa história é como uma boa montaria. A caça brava fica escondida e é preciso armar emboscadas e ficar de tocaia horas e horas a fio, na boca dos precipícios e florestas. Os caçadores mais apressados e impetuosos afugentam a caça e nunca obtêm os melhores exemplares. Deixa-me, pois, pensar!

Hermann Hesse

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a personagem Dona Benta na obra *As aventuras de Hans Staden*, uma adaptação de Monteiro Lobato no intuito de identificar, através de fragmentos, qual é a função do contador de histórias. Consideraremos inicialmente os trabalhos de Monteiro Lobato e sua contribuição para a literatura brasileira a partir da obra *As aventuras de Hans Staden* e trabalharemos o texto na abordagem teórica da contação de histórias e a forma como essa arte foi e está sendo utilizada na atualidade. Postas essas devidas considerações, torna-se imperioso verificar a forma como a contação de histórias funciona como uma ferramenta didática utilizada por educadores e professores de literatura. Assim, consideramos esse trabalho importante no que diz respeito às reflexões sobre a importância da contação de histórias para a prática pedagógica, para o incentivo à leitura e para a formação intelectual dos educandos.

Palavras-chave: Contação de histórias, Dona Benta, Educação.

Abstract: This research aims to analyze the character Dona Benta on *As aventuras de Hans Staden* of Monteiro Lobato in order to identify, through fragments of the work, which is the position of the storyteller in this work. Initially considered the work of Monteiro Lobato and his contribution to Brazilian literature from the work of *As aventuras de Hans Staden* and various theoretical approaches will work about storytelling and how this art was and is being used today. With those due consideration, it is imperative to verify how storytelling works as a teaching tool used by educators and teachers of literature. So,

consider this important work with regard to reflections on the importance of storytelling for teaching practice, to encourage reading and intellectual formation of students.

Keywords: *Storytelling, Dona Benta, Education.*

Introdução

A obra *As aventuras de Hans Staden* de Monteiro Lobato é uma adaptação da obra do Alemão Hans Staden intitulada *As aventuras de Hans Staden*. Nessa adaptação de Lobato o que mais chamou-nos a atenção foi o modo como a personagem Dona Benta se coloca desde o início da história como narrador contador de histórias. Dessa forma, esse artigo tem como objetivo analisar a personagem Dona Benta na obra *As aventuras de Hans Staden* de Monteiro Lobato no intuito de identificar, através de fragmentos, qual é a função do contador de histórias. Essa pesquisa se fundamenta a partir das aulas da disciplina Literatura Brasileira I no semestre 2013/2 do curso de Licenciatura plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso e em textos tidos como referenciais teóricos para a análise dos fragmentos. Usaremos o método de abordagem e análise teórica, fundamentada nos conceitos de personagem e contador de histórias, ambos da teoria da Literatura.

1. Monteiro Lobato: vida e obra

Monteiro Lobato era contista, ensaísta e tradutor. Nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882. Formou-se em Direito, foi promotor público até se tornar fazendeiro, depois de receber uma herança deixada pelo seu avô. Diante de um novo estilo de vida, passou a publicar seus primeiros contos em jornais e revistas, sendo que, depois reuniu uma série deles em “Urupês”, obra prima do escritor.

Na época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato inconformado com essa ideia, tornou-se também editor, passando a editar livros no Brasil. Com isso, implantou uma série de inovações nos livros didáticos e infantis.

Lobato é muito conhecido entre as crianças, porque dedicou-se a um estilo de escrita com linguagem simples em que a realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que foi o precursor da literatura infantil no Brasil.

Suas personagens mais conhecidas são: Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Cuca, o Saci Pererê e outras personagens que fazem parte da obra *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Escreveu ainda outras obras infantis, como: *A Menina do Nariz Arrebitado*, *O Saci*, *Fábulas do Marquês de Rabicó*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho*, *O Pó de Pirlimpimpim*, *Reinações de Narizinho*, *As Caçadas de Pedrinho*, *Emília no País da Gramática*, *Memórias da Emília*, *O Poço do Visconde*, *O Pica-Pau Amarelo* e *As aventuras de Hans Staden* e *A Chave do Tamanho*. Fora os livros infantis, este escritor brasileiro escreveu outras obras literárias, tais como: *O Choque das Raças*, *Urupês*, *A Barca de Gleyre* e *o Escândalo do Petróleo*. Neste último livro, demonstra forte tendência nacionalista, posicionando-se totalmente favorável à exploração do petróleo apenas por empresas brasileiras¹.

3. As Aventuras de Hans Staden: uma adaptação de Monteiro Lobato

As aventuras de Hans Staden (1927) de Monteiro Lobato é uma adaptação infantil do relato de viagem do Alemão Hans Staden. A obra é narrada pela personagem do sítio do pica-pau amarelo, Dona Benta, contando as aventuras de Hans Staden, um marinheiro alemão que esteve na costa brasileira por duas vezes, a serviço de Portugal.

¹ Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/monteirolobato/>

D. Benta começa a contar, sentada em sua cadeira quem era Hans Staden. Hans Nasceu na cidade de Homberg estado de Hesse, na Alemanha. Era aventureiro e gostava de viajar, por isso, certo dia disse ao seu pai que iria partir para conhecer o mundo. Na primeira vez em que veio ao Brasil, Hans foi para a Holanda e de lá para Portugal, onde encontrou o navio do capitão penteado que vinha para o Brasil, então não perdeu a oportunidade de uma grande aventura e embarcou em seu primeiro grande desafio como marinheiro. Encontrou muitos obstáculos na viagem, inclusive grandes turbulências no mar, lutas marítimas com os franceses e um quase naufrágio. Após tudo isso, ele fica um tempo no Brasil, mas regressa a Portugal. Em sua segunda viagem, enfrentou um naufrágio em alto mar, quase foi morto em combates, transformou-se em membro da artilharia portuguesa, mas acabou tornando-se prisioneiro da tribo dos tupinambás, ocasião em que colheu elementos para escrever sua famosa obra *Viagem ao Brasil*, que constitui documento importante sobre os costumes e usos dos índios do Brasil (LOBATO, Monteiro. 1927).

Essa aventura é que constitui a trama narrada por Dona Benta que se mostra clara e atenciosa com os seus ouvintes que são os personagens Emília, Narizinho e Pedrinho. A partir da observação da função de Dona Benta na narrativa, adentramos então no conceito de contação de histórias.

4. O que é contar histórias?

A arte de contar histórias tem suas origens nos antepassados que contavam histórias para encenar seus rituais, seus mitos e os seus conhecimentos sobre o mundo sobrenatural ou sobre as experiências do seu grupo no decorrer do tempo. Além da comunicação oral e gestual, ao narrarem suas histórias, também registravam nas paredes das cavernas com desenhos e pinturas, suas experiências, algumas delas vividas no cotidiano.

As memórias, auditiva e visual, eram então, essenciais para a aquisição e o armazenamento dos conhecimentos transmitidos. O costume de contar histórias existe desde os primórdios e sempre foi uma atividade muito privilegiada.

Nessa direção, para Ramos (2011) os contadores eram figuras de destaque em sua comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam o conteúdo de contação de suas vivências e dos saberes delas obtidos. Dessa forma, narrar dependia de eles colherem os saberes da experiência, e de produzi-los em objetos (visuais, auditivos, etc.) para serem apresentados a outros.

Entretanto, acredita-se que a ação de contar histórias pode ser tomada como exemplo de uma atividade realizada a partir de outra obra, pois todo o texto narrado tem algum autor, por mais que ele seja desconhecido. O contador ao estar sabedor disso faz com que o texto inicial ganhe uma forma peculiar de narração. A memorização pelo menos de parte do texto é necessária e não pode ser desconsiderada pelo contador.

Como advoga Sisto (2005, p.60) “decorar, muitas vezes compromete a naturalidade da fala, [...] necessária, sobretudo nos textos mais poéticos.” Com o tempo percebeu-se que ensaios seriam necessários para melhorar a atuação e a naturalidade na hora de transmitir o texto decorado. E, por mais que o contador não reproduza o texto exatamente como está no papel e/ou como o autor o produziu, realiza uma atividade de memorização, no momento em que relê o texto e assinala palavras que servirão de guia no decorrer do seu discurso para que possa apresentar seu texto de modo “improvisado”. O estudo do texto “improvisado” gera um exercício mnemônico (PATRINI, 2005), ou seja, o contador quando lê e relê a história ele faz comparações com

coisas cotidianas, corriqueiras, que facilitam a atividade de memorização e a improvisação torna-se mais fácil e prática.

Dessa forma, o contador de histórias é alguém que narra pelas palavras, gestos e pelo contexto que cria exercendo assim o poder de sedução. Transportar o ouvinte a um mundo, por vezes dele desconhecido, e a fatos, alguns deles, por ele percebidos como enigmas. Um bom contador de histórias deve instigar, em seus ouvintes, a atenção, a curiosidade, a que cotejem seus sentimentos e valores com os narrados pela história, bem como a que compartilhem com os demais ouvintes suas reações e vivências relacionadas a história, além de instigá-los a imaginar criativamente a partir do narrado (SISTO, 2005).

Hesse (2009) ao falar sobre o contador de histórias, diz que ele convertia-se em “um ser todo poderoso” toda vez que começava a contar suas histórias. O contador de histórias é uma espécie de mago que conduz o espírito e a imaginação do ouvinte pelas regiões mais fascinantes. As palavras de Hesse colocam o contador de histórias em uma posição privilegiada, um lugar de prestígio e de valorização do ser enquanto contador, e de exaltação da literatura enquanto arte que move mentes e provoca mudanças. Dessa forma, podemos acrescentar que a proposta de Hesse pode ser tomada do ponto de vista em que a literatura deve ser vista muito mais do que apenas arte, beleza e exaltação, mas sim também como instrumento de transformação social. Podemos tomar a prática do ensino de literatura em sala de aula, por exemplo, como algo que precisa ser repensado e o ensino deve-se tornar diferenciado no sentido de que a inserção da atividade de contar histórias em sala de aula pode ser algo que venha a trazer maiores possibilidades de exploração, principalmente com relação aos leitores infantis.

Em concordância a isso, Caruso (2003) diz que a literatura é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil.

Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinar infinitos assuntos. Nessa linha, Abramovich (2003) diz que é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula, porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo.

Benjamin (1994) explica que “[...] a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir [...]”. Sabemos que o visual está muito presente na sociedade moderna e a intensidade e variedade das imagens nos cativam, fazem-nos esquecer da escuta. Falamos e ouvimos muito, porém estamos pouco propensos a escutar. Essa é uma atitude típica da contemporaneidade, pois os homens fragmentaram-se perdendo a capacidade de se relacionar com atividades que precisam de atenção, de tempo para ouvir, para admirar.

Dessa forma, nas relações movimentadas do dia a dia aprendemos a viver intensamente falando, interagindo, às vezes brigando, mas o que realmente importa e que nos confere certo grau de aprendizado, fica de lado, ou seja, nos esquecemos que muitas vezes temos que parar e aprender a escutar.

Por isso, Ramos (2011) argumenta que o trabalho com as narrativas orais, isto é, com a contação de história dentro das instituições escolares, seja em um momento de roda ou na Hora do Conto frequentemente desenvolvido

nas bibliotecas, pode propiciar o (re)aprender a escutar. No momento em que o contador narra a história, cria uma conexão entre texto e ouvinte e este precisa se colocar com a disposição de escuta. Esta condição potencializadora de instigar o ouvinte para a escuta do narrado e de si mesmo, criada pelo contador, pode ser propícia para a constituição de futuros leitores apreciadores e críticos. Portanto, resgatar a arte de contar histórias, além de incentivar a escuta, imprescindível para a boa convivência social e para uma boa leitura, propicia a quem as escuta o (re) encontro como o novo. Nesta situação o imaginário e a criatividade são potencializados em um mesclar de realidade e magia, pois o ouvinte poderá ler como imagens a *performance* da fala do narrador. Sob essa perspectiva, o modo como o contador conduz sua narrativa pode levar o ouvinte a perceber que muitas dessas histórias contadas estão disponíveis em outros suportes de leitura, que podem ser acessados, independentemente, por exemplo, em bibliotecas escolares e públicas.

5. Dona Benta: o narrador contador de histórias

Dona Benta é uma personagem que está presente em todas as obras de Monteiro Lobato, mas *As aventuras de Hans Staden* é, em especial, a obra em que identificamos com grande intensidade a figura do narrador contador de histórias na personagem D. Benta.

No primeiro recorte a posição inquestionável de contadora de histórias de Dona Benta é colocada neste momento em que se inicia a obra, ou seja, um narrador dá uma breve descrição do local onde ela se coloca e, em seguida “passa a palavra para Dona Benta”.

Dona Benta sentou-se em sua velha cadeirinha de pernas serradas e principiou:

- Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade de Hesse, na Alemanha.

- De S? – exclamou Pedrinho, dando uma risada. Que engraçado!

Não atrapalhe – disse Narizinho. Assim como em São Paulo há freguesia de Nossa Senhora do O’, bem pode haver o estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?

- Não digam tolices – interrompeu Dona Benta. Esse estado da Alemanha escreve-se em português H-E-S-S-E, diz-se Hessen em Alemão. Nada tem a ver com a Letra S.

Depois dessa lição Dona Benta continuou: (LOBATO, 1927, p. 01)

Logo nesse primeiro momento percebemos a linguagem simples utilizada por ela para que não se torne difícil a compreensão do ouvinte, no caso, as crianças - Narizinho, Pedrinho e Emília. Uma das características principais de Dona Benta ao contar as aventuras do jovem Hans Staden é a maneira dedicada e atenciosa com que se coloca para esclarecer as dúvidas dos ouvintes. A sabedoria de Dona Benta por sua experiência de vida é uma qualidade que se mostra evidente no segundo recorte. Isso impressiona Pedrinho e mais ainda, prende a atenção deles de uma forma que torna-se um obstáculo cada interferência que possa interromper a continuação da sábia contação de histórias de Dona Benta.

Esse cálculo falhou. Sobreveio fortíssima tempestade, que arrojou a nau a quatrocentas milhas dali, para os lados do Brasil.

- Quantos metros tem a milha, vovó – indagou Pedrinho.

A milha varia muito, de país para país. É medida do tempo dos romanos, entre os quais valia mil passos. Mas como isso de passo cada povo o tem maior ou menor, conforme o comprimento das pernas, há milhas de 1.069 metros, como a inglesa, e milhas de mais de 8.000 metros, como a húngara. Mas hoje está generalizada a milha marítima de 1.854 metros.

- E’ uma danada, esta vovó! Parece um livro aberto, disse o menino, entusiasmado com a ciência da velha.

- Continue, vovó – pediu Narizinho, mais interessada na navegação de Hans do que na elasticidade da milha.

Dona Benta continuou: (LOBATO, 1927, p. 128)

Dessa forma, podemos definir Dona Benta como uma contadora de histórias a partir de Benjamin (1994) que diz que o contador de histórias é:

[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não em alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio, Pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...] Seu dom e poder contar sua vida; sua dignidade e conta-la inteira. O narrador e o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir a mecha de sua vida (BENJAMIN, 1994, p.221).

Assim, a figura do contador de histórias é tomada como um condutor, que por meio da sua competência como contador, conduz a leitura e a interpretação da maneira como acredita que seja mais produtivo para todos.

Suprimida a parte do corpo que horrorizava pelo aspecto, desapareceu a repugnância dos índios, os quais tomaram o cadáver, chamuscaram-no ao fogo, esfolaram-no, dividiram-no em posta e distribuíram-nas entre os circunstantes. Logo e depois em cada cabana começou a chiar ao espeto um naco de carijó...

- Pare, vovó! – exclamou Narizinho; pare que estou sentindo uma bola no estômago...

- De fato, minha filha, o quadro é horroroso. No entanto fazemos nós hoje coisa muito parecida com os cadáveres de bois e dos porcos... Afastado o aspecto moral, não vejo a diferença entre o cadáver de um carijó e o cadáver de um boi.

- Basta, vovó! – disse Pedrinho. De hoje em diante não comerei mais carne.

- Nem de galinha? – interpelou Dona Benta.

Pedrinho que gostava muito de frango assado, vacilou.

- De galinha não digo; mas de boi ou de porco, nunca mais!...

(LOBATO, 1927, p, 221-222)

No terceiro recorte Dona Benta estava relatando o caso do índio Carijó, que havia sido escravo dos portugueses e os Tupinambás haviam conseguido raptá-lo e iam matá-lo e devorá-lo como defende a cultura dos índios canibais. Ao dizer que pelo motivo de estar doente e sua expressão estar muito feia, sua cabeça foi cortada e jogada fora. Ao dizer que foram repartidos os pedaços do Carijó para assarem, Narizinho se assusta e pede para Dona Benta parar, mas dona Benta ainda continua falando sobre o que acontece com os animais hoje em dia. Neste momento fazemos uma relação da contação de histórias em *As aventuras de Hans Staden* com a concepção de Abramovich (2003), em que argumenta que o significado de escutar histórias

é muito amplo. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo), e assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles. É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar.

Dessa forma, vale ressaltar a questão da contação de histórias na escola, pois a mediação entre um texto lido e o leitor é um campo pouco explorado no campo da educação. Ao pensar essas questões surge em cena o papel do professor enquanto mediador das leituras em sala de aula. Será que a maneira como o professor assume esse papel de mediador está correta, ou está alcançando os efeitos que se espera?

Assim, entendemos que o professor enquanto mediador é aquele capaz de fazer fluir o próprio objeto de leitura até o leitor, preferencialmente de forma eficaz, ou seja, mediador é aquele que intermedia o encontro entre sujeito (leitor) e objeto (objeto a ser lido), independente do suporte e do texto.

É importante que em meio a tantas discussões a respeito da posição do professor em sala de aula, pensar e relacionar a personagem Dona Benta da obra *As aventuras de Hans Staden* com o professor e pensá-lo como um contador de histórias que assuma essas características como suas e torne sua prática mais leve, divertida e compreensível por seus alunos. Em complemento a isso, vemos que:

É preciso que se volte a atenção para esse profissional, que sua prática seja perscrutada a ponto de se compreender o âmbito de sua ação e, ao mesmo tempo, possa subsidiar teoricamente o contar histórias, o promover a leitura e a literatura no ensino fundamental, principalmente nas quatro series iniciais (SILVA, 2006 a, p.89).

Dessa forma, temos a contação de histórias como uma ferramenta a mais que auxilia e dá condições para que o professor seja didaticamente inovador e promova ambientes de leitura e reflexões em sala de aula a partir da contação de histórias.

Considerações finais

As aventuras de Hans Staden de Monteiro Lobato é uma adaptação que nos mostra o importante papel do contador de histórias. A estratégia do autor se mostrou convincente, pois a partir da relação entre Dona Benta e as personagens Emília, Narizinho e Pedrinho vemos que a atividade de contar histórias para crianças é muito produtiva, pois desenvolve nelas a capacidade de ouvir, o interesse pela leitura e principalmente a imaginação.

Assim, podemos pensar contação de histórias em sala de aula como meio de dinamizar, promover a leitura e a produção de conhecimentos.

Mas é importante ressaltar que somos frutos de um modelo de ideologia que, com a cientificização, aprendeu a complicar e não simplificar, aprendeu a valorizar o quantitativo (resultado dos modelos matemáticos de Galileu e Newton) e não valorizar o qualitativo. Fazer rupturas é difícil e às vezes demorado, mas temos que aprender a olhar com estranheza as imposições que nos são feitas. Dessa forma, torna-se imperioso repensar a prática do ensino e o que chamamos de interação professor-aluno. E é a partir disso que vemos a contação de histórias como um elo de ligação que permite colocar em prática a utópica interação entre o professor e o aluno, entre o leitor e o ouvinte. Como vimos nos recortes analisados, o contador de histórias permite que o ouvinte o intercepte, na intenção de tirar as dúvidas e

até mesmo questionar a história. Dessa forma, a contação de histórias torna-se uma atividade interativa de produção de conhecimentos em sala de aula. Além do mais, contribui principalmente para o desenvolvimento do processo de leitura do aluno, pois a partir do momento que ele ouve, ele imagina, e então desperta para a leitura, ou seja, a contação de histórias é um primeiro passo e, se for um passo bem dado, sem dúvida, uma nova caminhada de leitura se inicia.

A partir dessas reflexões acreditamos que o ensino de literatura tornar-se-à mais acessível a partir daquilo que compreendemos ser a contação de histórias, pois vimos que, sem dúvidas, é um meio eficaz de chamar a atenção e de conduzir os leitores/ouvintes ao mundo da leitura e da imaginação.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Por uma arte de contar histórias**. Disponível em: < <http://www.docedeletra.com.br/semeparar/hspfanny.html> >. Acessado em: 23 de Outubro de 2013.

BENJAMIN, W. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 7 ed, 1994. p. 197-221.

CARUSO, Carla. **A importância da literatura na formação da criança**. Disponível em: <<http://www.riobranco.org.br/brasil/soe/caruso.htm>>. Acesso em 23 de Outubro de 2013.

HESSE, Hermann. **O contador de histórias**. <http://conselheiroacacio.wordpress.com/2009/01/28/o-contador-de-historias-hermann-hesse/>. Acesso dia 24/10/2013.

Sua pesquisa.com. **Monteiro Lobato: o precursor da literatura infantil no Brasil**. http://www.suapesquisa.com/biografias/obras_monteiro_lobato.htm. Acesso dia 23 de outubro de 2013.

LOBATO, Monteiro. **As aventuras de Hans Staden**. 1º Ed.; Cia editora nacional, Rio de Janeiro, 1927.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma pratica oral. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias**: um caminho para a formação de leitores? Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade estadual de Londrina, Centro de Educação, comunicação e artes, programa de pós-graduação em Educação. Londrina, 2011.

SILVA, J. R. **A hora do conto na escola**: paradoxos e desafios. In: BARROS, M. H.T.C. ; SILVA , R. J.; BORTOLIN, S. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006a. p. 89-106.

SISTO, C. **A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as historias?** In: PAROLIN, I. C. H. (Org.).**Sou professor!** A formação do professor formador. Curitiba: Positivo, 2009. p. 67-71.

Rodrigo de Santana Silva é acadêmico do curso de Licenciatura plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atua no Grupo de pesquisa Linguagem tecnologia e contemporaneidade em linguística aplicada (LINTECLA), foco em sistemas adaptativos complexos.